

Angústia no projeto literário de Graciliano Ramos: confissão ou ficção?

Autor: Elisa Hübner

Orientador: Carlos Augusto Bonifácio Leite

Hipótese

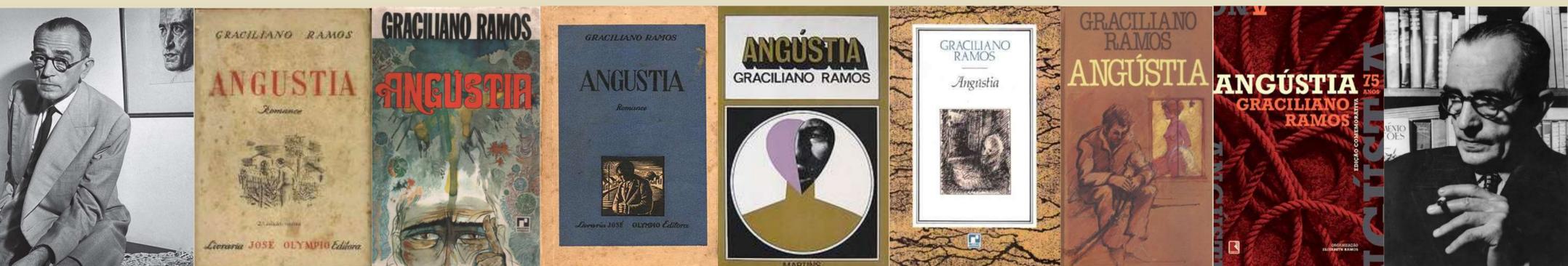
Luís da Silva, o autor fictício do romance, constrói sua trajetória em uma narrativa não linear e, por hipótese, cuidadosamente planejada. O personagem é a figura do herdeiro sem herança, a quem foram roubados o patrimônio, o sobrenome, o direito de conquistar posses no mundo urbano, mas nada se concretizou, e só o que Luís encontra é a impotência de ascender. Visto isso, sua necessidade de vencer seu rival Julião Tavares não vem de um “senso de justiça” pelo coletivo, mas sim de uma prioridade individual, na qual seus direitos estariam sendo afirmados a partir da superação daquele que, a seu ver, havia limitado suas possíveis conquistas e méritos. A partir dessa hipótese, torna-se necessário construir uma outra leitura da possibilidade de pensarmos Graciliano dentro de sua obra.

Em “Ficção e Confissão” e “Bichos do Subterrâneo”, ensaios de Antonio Candido (2012), o crítico defende que o autor estaria projetado no íntimo de Luís da Silva, pelo pressuposto de os dois partilharem uma postura idêntica contra o representante ajustado e privilegiado na sociedade urbana, Julião Tavares. Ambos os ensaios, mesmo divergentes quanto a vários aspectos, apontam para o mesmo pressuposto biográfico: o de Luís e Graciliano compartilharem do mesmo ódio à figura do burguês. No entanto, é possível lançar mão dos ensaios mesmo discordando dessa análise ao examinar a relação entre Julião e Luís e o perfil biográfico de Graciliano Ramos, especialmente a ficcionalização dessa biografia em *Infância*, em que Candido se baseia para sustentar sua leitura. O autor de *Angústia* não simplesmente transporta a si mesmo para dentro de suas obras, mas traduz seu conhecimento e experiência social para dar voz a seus personagens, no meio que cerca Luís.

A urbanidade sufocante de *Angústia*, a decadência do grande proprietário rural e a fraqueza dos indivíduos que têm de se submeter a um trabalho sem realização pessoal e a uma espécie de “sobrevivência” animalizada é onde Graciliano se acha, não colocando seu “eu recôndito” (CANDIDO, op. cit., p.58) injetado no protagonista do romance, mas na sua posição crítica. O autor faz uso de sua experiência para concretizar os fatos de sua ficção, e dar voz a seu peculiar narrador.

Dentro dessa perspectiva, cabe também analisar o caráter da dúvida proposto pelo romance, se Luís é um narrador que o leitor deve desconfiar, cabe abalar a certeza quanto ao assassinato de Julião Tavares (mas sem afirmar que o crime ocorreu no imaginário). O personagem de Graciliano constrói o assassinato em seu discurso e é relevante conferir a ele a posição de um narrador que escreve para se autoafirmar como “homem”, qualidade que ele confere a Trajano, seu avô, pela figura de imposição que tinha frente a seus empregados, a sua esposa e a sua propriedade – a autoafirmação pelo romance é analisada por Ana Paula Pacheco (2010). Trajano não era limitado pela lei, pela impotência da cidade, ou por qualquer Julião Tavares. Quando a ordem rural desmorona, a herança de Luís se esmigalha, e cabe a ele achar seu lugar dentro do meio urbano, no qual se encontra deslocado e a única solução que lhe parece lógica é a saída pela morte do outro.

Angústia segue no projeto do autor não só como um romance experimental, mas como o ápice da narrativa em primeira pessoa, da voz dos “insignificantes” afetados pelas mudanças políticas e sociais. Os críticos colocam *Vidas Secas* como sua obra prima, com o protagonista Fabiano, um “pobre coitado”, mas a diferença entre as duas obras está na voz dos personagens, no olhar distanciado do mundo de Fabiano e no olhar delirante e vertiginoso de Luís que, nas palavras de Candido, “chega a respirar mal no clima opressivo” (CANDIDO, op. Cit.).



REFERÊNCIAS: CANDIDO, Antônio. *Ficção e Confissão*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012. GOMES, Maurício dos Santos. *O ressentimento como forma: sobre o narrador em Angústia, de Graciliano Ramos*. Porto Alegre: UFRGS, 2015. PACHECO, Ana Paula. “A subjetividade do Lobisomen (São Bernardo)”. In: *Literatura e Sociedade* (USP), p. 66-83, 2010. RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 55. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.